

**Discussion
Paper**

ESPM

v. 2, n. 1, 2014

Prof. Pedro de Santi

Prof. João Carlos Gonçalves

Prof. Guilherme Umeda

Profa. Rose de Melo Rocha

The background of the cover is a photograph showing the silhouettes of several people jumping joyfully on a beach. The sun is low on the horizon, creating a bright, golden glow and long shadows. The water is visible in the background, and the overall mood is one of happiness and youth.

**JUVENTUDE:
ASPIRAÇÕES E SONHOS**

EXPEDIENTE

Corpo Editorial

J. Roberto Whitaker Penteado
Presidente

Alexandre Gracioso
Vice-presidente acadêmico

Elisabeth Dau Corrêa
Vice-presidente administrativo-financeira

Emmanuel Publio Dias
Vice-presidente corporativo

José Francisco Queiroz
Vice-presidente de marketing e comunicação

Luiz Fernando Dabul Garcia
Diretor geral da graduação ESPM-SP

Ismael Rocha
Diretor acadêmico de graduação ESPM-SP

Conselho Editorial

Prof. Carlos Frederico Lucio

Profa. Cristina Helena Pinto de Mello

Profa. Denise Fabretti

Prof. Fabio Mariano Borges

Prof. Ismael Rocha

Prof. João Osvaldo Schiavon Matta

Prof. Luiz Fernando Dabul Garcia

Prof. Pedro Luiz Ribeiro de Santi

Prof. Leonardo Nelmi Trevisan
(Edição de texto)

Prof. Matheus Matsuda Marangoni
(Edição de arte)

Fernando Matijewitsch
(Gerência de edição)

APRESENTAÇÃO

Publicação trimestral, em formato eletrônico, o Discussion Paper ESPM reúne artigos, notícias de pesquisas, resenhas, traduções ou entrevistas oriundas de debate temático.

O objetivo é incentivar a discussão de assuntos, atinentes ou complementares, ao conteúdo curricular de disciplinas da área de Ciências Sociais Aplicadas.

O perfil deste periódico oferece espaço de publicação da produção docente, incluindo procedimentos de pesquisa, em diferentes formatos.

O Discussion Paper ESPM busca também ampliar repertório e capacidade de análise do corpo discente, pois, a iniciativa procura, especialmente, a participação do aluno nos debates geradores de cada número.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

A submissão de trabalhos deverá ser feita através do endereço eletrônico do periódico, nos seguintes formatos: texto: Microsoft Word; tabelas: Excel; gráficos e figuras: Powerpoint. Quanto a forma, os originais deverão ser apresentados em arquivo de texto: Microsoft Word, página tamanho A4, margem esquerda e superior de 3cm, direita e inferior de 2cm, espaço 1,5, fonte Times New Roman, com limite de 06 páginas. O Discussion Paper ESPM adota como critério orientador para elaboração das referências bibliográficas dos papers a norma NBR-6023:2002 - Informação e documentação.

O Processo de Avaliação pelos Pares consiste nas seguintes etapas: o artigo original será analisado por dois integrantes do Conselho Editorial para verificar se cumpre com os requisitos temáticos e metodológicos e definir a área epistemológica de avaliação a ser direcionada. Em seguida, o artigo será enviado a pares de avaliadores externos, preservando o anonimato dos autores (blind review), que não compareceram ao debate gerador do respectivo Discussion Paper. Os avaliadores externos procederão de acordo com os critérios: 1. Publicar sem alterações; 2. Publicar com pequenas alterações, efetuadas pelos avaliadores; 3. Retornar ao autor com orientações de correções a serem efetuadas, podendo ser publicado posteriormente; 4. Retornar ao autor com a reprovação do artigo, sem publicação posterior. Os resultados desta avaliação serão encaminhados aos autores através do endereço eletrônico informado no ato da submissão, preservadas estritamente a confidencialidade e privacidade deste resultado.

SUMÁRIO

Sobre sonhos dos jovens.....4

Pedro de Santi

No escurinho do cinema... Vontades e identidades via “o filme que eu gosto”.....8

João Carlos Gonçalves

Medos ou mitos: sobre nossos labirintos.....11

Guilherme Umeda

Juventudes brasileiras: é preciso escutá-las.....15

Rose de Melo Rocha

JUVENTUDE, AS ASPIRAÇÕES E SONHOS. OU É SÓ MEDO DO MUNDO ADULTO?

| NOVEMBRO 2013 | *Discussion Paper* |

Sobre sonho dos jovens

Pedro de Santi

O conteúdo da disciplina que eu dou, “Desejo, Identidade e Consumo” no quarto semestre de Publicidade trabalha fortemente o conceito de cultura do narcisismo. Ele foi criado por Christopher Lash, um antropólogo americano, em 1979. A princípio parece óbvio falar sobre isso, todos têm uma ideia intuitiva do que seja narcisismo: ele envolve fechamento, superficialidade, entorpecimento, indiferença ao outro. Tudo isso está certo, mas sempre prefiro dar ênfase a algo menos óbvio. Desde os estudos do psicanalista brasileiro Jurandir Freire Costa nos anos 80, percebemos que o que faz diferença no conceito, na verdade, é entender que o nosso narcisismo seja fundamentalmente um narcisismo defensivo. Digo ‘nosso’ por entender que costumamos atribuir narcisismo aos outros, em especial aos alunos, sem percebermos que funcionamos rigidamente no mesmo registro. O simples fato de atribuímos nossas dificuldades e problemas aos outros evidencia isto.

Assim, não acho que nosso narcisismo seja um simples egoísmo, no sentido moralista, ele

é um fechamento produzido como defesa ante um ambiente invasivo, ante aquilo que cada um de nós tem no seu cotidiano: uma quantidade de demandas absolutamente brutal. Nosso volume de trabalho, o pouco tempo pra si, a necessidade por se garantir férias ou períodos de descanso ocasionais, que deveriam ser garantidos, mas não são e sem os quais a gente sente que morre, basicamente.

A princípio parece óbvio falar sobre isso, todos têm uma ideia intuitiva do que seja narcisismo: ele envolve fechamento, superficialidade, entorpecimento, indiferença ao outro.

Há uma forte relação entre uma cultura do narcisismo e a impossibilidade de sonhar. Aliás, um dos primeiros sintomas típicos deste regime de vida é a insônia. Temos, a princípio, certo equilíbrio entre, de um lado, um tempo para a recepção de estímulos e a ação e, de outro, um tempo para a introspeção e recolhimento. É neste segundo momento que assimilamos os estímulos que recebemos, transformando-os em

memória. Ao longo da noite, a atividade de sonhar representa exatamente isto. Ao longo de séculos, temos acelerado progressivamente a produção e recepção de estímulos, o que levou a um desequilíbrio daquele jogo: nossa energia é cada vez mais dragada para a exterioridade, roubando da gente tempo de sono, de silêncio, solidão. Memória, enfim. Num ambiente que acelera continuamente o fluxo de informações tão interessantes o tempo todo, não há como dar conta do “feed de notícias”.

Se eu tomo pancada o tempo todo, crio um calo de insensibilidade para poder me proteger. Eu gosto muito de colocar as coisas nesses termos porque, é claro, como professor há vinte e tantos anos, lido com a dificuldade de ter a atenção e o comprometimento dos alunos, tudo aquilo que a gente convive o tempo todo. Mas eu gosto de pensar, aproveitando que estamos neste debate entre colegas da ESPM, que o papel maior disso é o nosso enquanto faculdade do que do aluno. Se compartilhamos o mesmo narcisismo somos mais responsáveis que eles por lidar com isto, uma vez que somos os adultos do pedaço. Além disso, os alunos passam quatro anos ou um pouco mais na faculdade e nós passamos muito mais tempo do que isto. É mais interessante

JUVENTUDE, AS ASPIRAÇÕES E SONHOS. OU É SÓ MEDO DO MUNDO ADULTO?

| NOVEMBRO 2013 | *Discussion Paper* |



investir no amadurecimento da “população fixa”. Vale mais a pena trabalharmos num perspectiva de autocrítica do que nos acomodarmos na reclamação contra “esta juventude perdida”. Em nosso próprio cansaço, nos acomodamos na ideia de que os alunos sejam mimados e folgados e não percebem o quanto nossas aulas são importantes, etc. Enquanto isto, podemos não perceber como contribuimos para a construção desta dinâmica.

Atualmente, dou aulas para alunos do quarto semestre. Nas apresentações de curso costumo dizer a eles que a há três crises clássicas na faculdade, embora cada um tenha o direito de ter suas crises quando bem lhe aprouver. E as crises são: a primeira, entrar na faculdade, com o deslumbre e excitação que isto representa. Quase todos os alunos entram com 17 ou 18, e o pai não tem mais acesso ao boletim, eles têm mais liberdade. Um terço dos alunos vem de outras cidades e, pela primeira vez, vivem longe dos

pais. É uma experiência embriagante; literalmente, inclusive. A segunda grande crise vem ao longo do pesado quarto semestre, pela demanda de matérias, o PM (Projeto de Marketing), a prova de eixo e mais a questão da escolha pela optativa do quinto semestre, quando eles passarão a estudar à noite. Trata-se de um momento muito exigente que pode funcionar como ritual de passagem: a hora de começar a estagiar e virar adulto. A terceira crise é a saída da faculdade, quando o aluno está brigando pra ser efetivado no seu estágio e tem que fazer o PGE da Comunicação. Aliás, em meio a esta passagem, a cada 3 anos o alunos ainda tem a prova do ENADE para fazer. Com que interesse esse cara vai fazer esta prova, enquanto está “mordendo” para garantir sua inclusão profissional?

Como o aluno lida com estes momentos de crise, em especial aqueles nos quais haja uma grande sobrecarga de trabalho? Se nós pedimos 13 trabalhos por

semestre (ou bimestre), o aluno aprende a “gerenciar” e tirar trabalhos da frente. Copia e cola, distribui partes do trabalho para cada membro fazer um pedaço, ou cada membro faz um dos trabalhos, de modo que alguns trabalhos são entregues em nome do aluno sem que ele sequer o tenha lido. Guardadas as devidas proporções, a gente faz isso também. Em determinados momentos de sobrecarga, não fazemos propriamente nosso trabalho, mas “tiramos coisas da frente”. Para fazer com qualidade quase qualquer trabalho, é preciso certo tempo de criação e amadurecimento. Muitas vezes não temos este tempo e gerenciamos nossos afazeres com o traquejo que ganhamos com a experiência: reagimos, mais que agimos.

A cultura do narcisismo é aquela na qual tenho tanta coisa pra fazer que não consigo pensar e sonhar no que é mais importante e significativo, que tem mais sentido. Eu penso no que é que

JUVENTUDE, AS ASPIRAÇÕES E SONHOS. OU É SÓ MEDO DO MUNDO ADULTO?

| NOVEMBRO 2013 | *Discussion Paper* |



está mais atrasado e que eu não posso mais adiar .

Recebo no meu consultório, dez anos depois de formados, alguns alunos. Costumo dizer, brincando, “eu estarei sempre mais gordo e o ex-aluno sempre mais careca” porque meu trabalho é sedentário, eu estou no consultório. O dele é no mercado, é muito mais exaustivo. Alguns chegam, então, no consultório dizendo basicamente algo como: “olha, eu trabalho numa agência. Eu fiz optativa de criação. Eu sou redator publicitário, mas eu tenho sempre 50 jobs para tirar até sexta feira da frente. Com 50 jobs não importa ser criativo, não dá pra

pensar. Eu resolvo na manha, eu tenho técnica. Eu tiro coisa da frente.”. O terrível deste exemplo é que esta pessoa teve o privilégio de trabalhar naquilo de que gosta, mas tem que fazer tanto daquilo que chega a um estado de saturação, com a inevitável queda de qualidade e prazer. Isto não se plica igualmente a muitos de nós? Então, repito, este regime de demanda coloca a gente numa lógica de sobrevivência, basicamente. Num final de ano, todo mundo está saturado. Qualquer “bom dia” pode ser respondido com um “bom dia por quê?”



JUVENTUDE, AS ASPIRAÇÕES E SONHOS. OU É SÓ MEDO DO MUNDO ADULTO?

| NOVEMBRO 2013 | *Discussion Paper* |

Voltemos a relação entre este regime e a capacidade de sonhar. Sonhar significa relaxar e poder processar excitações, estímulos que chegam até a gente. Pra gente poder sonhar acordado ou dormindo- ou criando, na área de Criação- é preciso ter tempo, é preciso ter espaço, é preciso ter um grau de confiança que o mundo não vai acabar e que eu posso, então, me entregar ao sono e, ao adormecer, poder então sonhar, articular informação. Capacidade de sonhar é capacidade de ter segurança e ter tempo e ter espaço. Num ambiente de sobrecarga e saturação- o nosso ambiente- a tendência é de que a gente não possa sonhar.

“Pedrão, como assim cinco anos, dez anos, tá tirando? Tudo o que eu quero saber é como eu chego vivo na sexta-feira. Tá bom demais!”

Quando se fala sobre os jovens, sempre ainda usamos o imaginário dos anos sessenta: o jovem transgressor e utópico. Esse imaginário não funciona faz tempo. Faz uns dez, vinte anos que pesquisas apontam que o jovem contemporâneo está muito ligado a preocupações concretas e de sobrevivência. Ele busca o primeiro emprego, ele busca a família, a única instituição em que ele confia. Ele não confia no governo, não confia na igreja, não confia na faculdade: ele confia na família.



Quando um aluno chega ao PAPO (Programa de acompanhamento psicológico e orientação) e eu pergunto para ele, independente do assunto que o leva, faz parte do meu protocolo, “o que você sonha pra você daqui cinco anos, daqui dez anos? Qual é o seu horizonte?” A resposta que costumo ouvir é; “Pedrão, como assim cinco anos, dez anos, tá tirando? Tudo o que eu quero saber é como eu chego vivo na sexta-feira. Tá bom demais!”.

Para que a vida tenha ‘sentido’ é preciso ter ‘direção’, ter ‘significação’. Num regime de sobrevivência não se consegue criar perspectiva e projetos. Sonhos, enfim.

Aqui pode se estabelecer uma má compreensão por parte dos professores e instituições de ensino. Podemos tomar estes alunos como folgados e desinteressados e se acreditar que o certo seria exigir mais e atribuir a eles mais trabalhos. A rigor, na minha forma de entender, ao se fazer isto, estaremos repetindo e piorando a dinâmica que criou a situação. A indiferença e o fechamento foram criados, em primeiro lugar, pelo excesso de demanda. Quantas coisas interessantes acontecem na ESPM toda a tarde, além das aulas? Quantas coisas bacanas a gente oferece? A gente oferece tanta coisa bacana que tudo fica chapado, difícil de distinguir e as

informações passam batidas. Então, basicamente é a gente que tem que gerenciar isso, talvez, até oferecendo e propondo menos coisas.

Então acho que da perspectiva da gente, que é o que eu acho realmente que importa não é o olhar para o aluno como “aquele folgado que não fez o ENADE como a gente queria”, “aquele folgado dessa geração”. Acho que temos que saber como a gente faz essa geração. Como a gente, no nosso regime de imposição de conteúdo, de aula, de quantidade de disciplinas por semestre gera no aluno uma atitude defensiva. “Se é pra passar de ano, eu passo. Se é pra copiar e colar, eu copio e colo.”

Há duas atitudes que considero especificamente nocivas ao ambiente de ensino. Ambas circulam por esta e outras faculdades. Uma é francamente cínica e diz: não existe mais ensino, nossa função é entreter os alunos e fingir que trabalha. A outra, é a velha e cansada atitude decadentista que considera que o mundo esteja acabando e que esta juventude esteja perdida por que não se parece com a gente. Ambas as atitudes são tão defensivas e narcísicas quanto aquelas que pretendem criticar. Ambas desistem do processo de ensino e da relação com o outro.

A ruptura do ciclo narcísico pode se dar com um pouco de autocrítica e o questionamento sobre nosso papel na construção e manutenção de nossos problemas.

JUVENTUDE, AS ASPIRAÇÕES E SONHOS. OU É SÓ MEDO DO MUNDO ADULTO?

| NOVEMBRO 2013 | *Discussion Paper* |

No escurinho do cinema... Vontades e identidades via “o filme que eu gosto”

João Carlos Gonçalves

Minha fala faz um paralelo ao texto do professor Pedro de Santi que trata da dificuldade do jovem contemporâneo em sonhar, e uma tentativa de colocar esse sonho dentro de uma perspectiva mais voltada para a produção de linguagem e, segmentando mais ainda, no fator cinema. A relação entre sonho e cinema é muito próxima e eu procuro nas minhas aulas no primeiro e segundo semestre de Comunicação estreitar esta relação por meio da linguagem, sem esquecer que eu trabalho com um pessoal diferente do Pedro que leciona no quarto semestre. E eu creio que quem dá aula no primeiro semestre, tem um pouco a função de lapidar culturalmente esse pessoal, quando você trabalha

no quarto semestre, já encontra o aluno um pouquinho mais desenvolvido em termos de repertório.

É bem complicado falarmos nessa ideia do sonho, principalmente porque eu utilizo o cinema como recurso meramente didático. Eu dou a teoria e tenho que mostrar como ela aparece na prática, até por uma tentativa de aproximar o aluno desse universo da imagem em movimento que, a meu ver, é encantador. O problema é o desencanto que o professor Pedro coloca, a falta da falta. Eu acho que cada vez mais difícil despertar o interesse desse pessoal mais jovem que não possui uma demanda específica (o excesso que aponta para a falta); uma certa ausência daquilo que a gente chama de Desejo. Às vezes tento me colocar no lugar do aluno e me perguntar: “O que você quer?”, “O que você deseja?”, “Do que você gosta?” e, muitas vezes, fico sem resposta. Não podemos

esquecer que a própria falta retroalimenta o Desejo. Só que, nos nossos jovens, percebemos uma dupla ausência: a falta da falta. Fica muito mais complicada essa situação. Então, é engraçado porque, se a gente pegar a ideia do cinema em sua relação com o sonho, que é o objeto de estudo do professor Pedro e, portanto, não interessa aqui entrar nessa área da psicanálise que nem é a minha área, que como já mencionei, é muito mais voltada para a linguagem. Assim, o que é interessante é que o sonho, assim como o cinema, nos coloca diante de um imaginário extremamente interessante. Roland Barthes escreveu um belo texto chamado “Saindo do Cinema”, que eu gosto muito e até reli para a nossa conversa de hoje, onde ele comenta, poeticamente, a sua paixão de ir ao cinema. Entrar numa sala escura e durante uma fração de tempo conviver com pessoas que você não conhece; o mundo lá fora está esquecido, aquele escuro te coloca numa situação meio de hipnose, uma luz que fura a escuridão e que projeta a imagem em movimento: entramos neste universo onírico, esquecendo o real lá fora e entrando no imaginário... no sonho. Eu tento, na medida do possível, passar essa paixão para os meus alunos, mas eu vejo que semestre a semestre este convite fica mais difícil. Por quê?



JUVENTUDE, AS ASPIRAÇÕES E SONHOS. OU É SÓ MEDO DO MUNDO ADULTO?

| NOVEMBRO 2013 | *Discussion Paper* |

Porque, muitas vezes, a ideia do cinema para os mais jovens (meu público é de 17, 18 anos) passa por um outro código, que é o código mais tecnológico, por exemplo, o filme “Gravidade”, que está fazendo muito sucesso junto a este público. O filme é uma viagem em 3D. Temos também o 4D, o 5D. Só que cada vez que o “D” se impõe, o imaginário se perde, pois o efeito sinestésico fica totalmente preenchido pela tecnologia. Vejo aí uma falta de capacidade (e talvez de disposição) para entrar numa cena clássica, tradicional em termos de linguagem, que convida ao imaginário, parece que eles têm a necessidade de ter aquilo de uma forma mais real possível, ou seja, têm dificuldade de “viajar” nesse caráter onírico do cinema. Por isso que alguns de meus alunos até falam: “Putz, Joca, sua aula é muito legal porque você voa muito”, “você dá umas voadas de vez em quando”. Então, eu acho que falta neles esse prazer e desejo do vôo, e isto me



**“EU ACHO QUE CADA VEZ MAIS DIFÍCIL
DESPERTAR O INTERESSE DESSE
PESSOAL MAIS JOVEM QUE NÃO
POSSUI UMA DEMANDA ESPECÍFICA”**

preocupa bastante. Lógico que não podemos generalizar.

Muitas vezes percebo que falta uma espécie de maturidade pra encarar um terceiro grau. Um exemplo: a exposição do Stanley Kubrick no Museu da Imagem e do Som. Vários alunos me pediram para acompanhá-los na referida exposição. Para gerenciar os efeitos práticos da visita, avisei em todas as dez salas que dou aula, que eu iria no dia tal, tal horário, e quem quisesse me acompanhar, nos encontraríamos no local. Conclusão: de 250 alunos, somente doze foram ao evento. Vários alegaram que tinham prova no dia seguinte e precisavam estudar ou tinham trabalhos para entregar. Então sempre fica aquilo que o Pedro falou, a demanda do prazer e a demanda da responsabilidade, que é a nota que ele vai ter em uma prova ou em um trabalho, em oposição ao convite para um evento cultural extra sala, que não vale nota. Aqui um convite para, futuramente, discutirmos critérios de avaliação.

Talvez o excesso de festas e baladas também seja um ponto a ser discutido. Como que a gente

conseguiria equilibrar esta demanda tão grande para os eventos sociais informais e ter a mesma postura e a mesma participação para os eventos culturais? Já que estamos aqui entre colegas de ofício, vamos dividir nossas inquietações. A gente tem que arranjar meios de conviver pacificamente com isso, porque eu não creio que vá mudar muito, mas o que me preocupa é, resumindo, essa ausência de desejo para o novo, o inusitado, o vôo, o sonho.

O professor Leonardo Trevisan, acaba de mencionar a filmografia que indico aos meus alunos, que é uma lista provocativa de formação de repertório, são diretores que meus alunos só vão dar valor a partir do momento que eu comentar em aula e, a partir daí gerar um desejo de ampliar seu repertório áudio-visual. Muitos desses filmes vão, posteriormente, aparecer em outras disciplinas, como acaba de comentar a professora Silvana Novais, ou seja, são filmes que a gente discutiu em aula e que não estavam no repertório deles, mas que foram incorporados produtivamente no seu universo cultural. Eu acho

JUVENTUDE, AS ASPIRAÇÕES E SONHOS. OU É SÓ MEDO DO MUNDO ADULTO?

| NOVEMBRO 2013 | *Discussion Paper* |

“Putz, Joca, sua aula é muito legal porque você voa muito”, “você dá umas voadas de vez em quando”

que isso é interessante, acho que a escola tem essa função de renovar repertório.

Não vamos chorar o leite derramado, mas eu acho que é uma boa oportunidade discutirmos, de modo crítico e produtivo este momento aparentemente paradoxal, assustador e fascinante ao mesmo tempo, acho desafiador passear por esta linha que está costurando este “novo” universo; em nenhum momento tem aqui essa coisa de “no nosso tempo”, “na minha geração”, me considero próximo

de meus alunos, e procuro construir com eles uma parceria de respeito e confiança.

Pertinente a última frase do professor Leonardo Trevisan: precisamos aprender a ter paciência.



JUVENTUDE, AS ASPIRAÇÕES E SONHOS. OU É SÓ MEDO DO MUNDO ADULTO?

| NOVEMBRO 2013 | *Discussion Paper* |

Medos ou Mitos: sobre nossos labirintos

Guilherme Umeda

O pedido feito para minha fala neste debate foi sobre os mitos que rolam na cabeça dos alunos. Mas a pergunta inevitável nesse contexto é: o que afinal é mito?

Dizem os estudiosos que talvez não exista um conceito mais complicado do que o de mito. Para começar, porque o que um mito vivo, pulsante, significava para as sociedades antigas, era algo muito diferente do que hoje nós podemos compreender, porque já olhamos para esse fenômeno com enorme anacronismo. Depois, justamente por conta desse anacronismo, mas também pela pregnância incrível que as narrativas míticas têm até hoje, a gente hesita em jogar tudo isso fora e acaba dando ao mito novos significados.

Quando falamos em mitos, pensamos em geral nas histórias criadas por sociedades antigas (tipicamente a grega e a romana) para explicar fenômenos humanos ou naturais. Contaminam essa noção de “histórias” a pecha de “primitiva” que atribuímos a sociedades que nos antecederam ao longo do tempo e que foram responsáveis pela criação e propagação dos mitos. Ou seja, mitos nos parecem uma explicação pré-científica do mundo, um equívoco perpetrado pelos limites da mente primitiva. Transpondo essa ideia metonimicamente para o nosso mundo atual, temos o segundo sentido de mito: histórias falsas. A

famosa frase “isso é um mito” ou as dicotomias entre mito e verdade dão conta de marcar o lugar simbólico do mito em nossas concepções de mundo. Isso não é só algo do senso comum. Um dos primeiros mitólogos importantes na antropologia, Sir G. J. Frazer, definia mito como narrativas necessariamente falsas para se explicar o mundo.

Mas voltemos aos mitos antigos: se são só historinhas de faz-de-conta, se são maneiras equivocadas de explicar as coisas, se são narrativas de pseudociência, o que explica a sua resiliência? Por que falamos de Édipo ou do Minotauro ou de Narciso até hoje? Talvez, porque haja alguma verdade neles encerrada. Alguns pensadores tentaram entender essa característica do mito, e são, assim, responsáveis por uma espécie de redenção do mito. Alguns nomes importantes são: Mircea Eliade, Sigmund Freud, Carl Gustav Jung e alguns pensadores do imaginário, como Gaston Bachelard, Gilbert Durand e o tão polêmico – amado e odiado – Joseph Campbell.

Antes de entrar no universo antropológico, queria trazer um pouco da concepção semiológica do mito, apresentada por Roland Barthes. Acho que isso faz sentido para um monte de aluno da ESPM, que em algum momento acaba por estudar esse autor. Barthes escreveu um lindo livro ensaístico chamado *Mitologias*, em que ele fala a respeito de uma série de coisas que fazia parte da cultura popular do seu tempo. No final do

livro, ele tece considerações teóricas sobre o que ele entendeu por mito. Para Barthes, o mito é uma fala, um discurso cuja essência não reside nos objetos, e sim nas formas de significação. Assim, qualquer coisa pode ser um mito, a depender da maneira como é posta em discurso. O mito é um produto histórico, nasce de

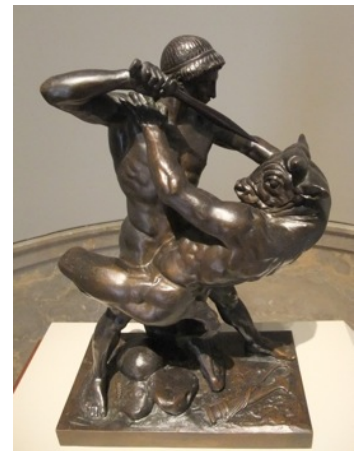
A famosa frase “isso é um mito” ou as dicotomias entre mito e verdade dão conta de marcar o lugar simbólico do mito em nossas concepções de mundo.

seu modo significativo que não emana das coisas em si. Os mitos, nesse sentido, estão no mundo social, nos discursos, nas instâncias representativas. E como ideologia, o mito precisa ser denunciado. Ele diz: “(...) só haverá semiologia se esta finalmente se assumir como semioclastia (p.5)”.

É óbvio que o Barthes semioclasta ia deitar e rolar no nosso mundo, no que diz respeito aos mitos da cultura popular. Quantos mitos impregnados nas novelas e nos filmes? Nos jornais, nas entrevistas e editoriais? Nas letras de música e performance dos artistas? No futebol e em seus personagens? Nos discursos oficiais sobre o país ou sobre os grandes eventos? Copa do Mundo, Olimpíadas? E as eleições, as manifestações de

JUVENTUDE, AS ASPIRAÇÕES E SONHOS. OU É SÓ MEDO DO MUNDO ADULTO?

| NOVEMBRO 2013 | *Discussion Paper* |



experiência contemporânea com a tecnologia? Parece-me que ela veio a substituir a confiança do homem moderno sobre a razão. Os frankfurtianos falavam em um fracasso do projeto iluminista. Que fracasso é esse? Consiste nos sucessivos ataques que a própria história do século XX se incumbiu de operar sobre a pretensão absoluta, uma fé inabalável em uma razão humana. O fracasso se evidencia em duas principais constatações:

- A razão nunca poderá pautar incondicionalmente a conduta humana porque o homem não é perfeitamente racional.

- A mesma racionalidade que levou o homem ao progresso da ciência criou as condições para a sua autodestruição, como ficou evidente no decorrer das duas grandes guerras mundiais e de

em seus fundamentos, sua ontologia – que é onde tudo se complica quando confiamos demais na racionalidade. Basta desfrutar dos seus resultados. Há hoje uma já diagnosticada crença sobre as possibilidades infinitas da tecnologia, como se a sua presença nas mais diversas esferas humanas só pudesse nos trazer benefícios. Este talvez seja o mais premente mito de nossa cultura. Pensando agora sobre a solução tecnológica, vem à cabeça o seguinte:

- Duas pesquisas norte-americanas (Universidades de Chicago e Florida) atestam que “relacionamentos iniciados na internet são mais estáveis e felizes do que os que começaram off-line”. Ou seja, tecnologia melhora a vida amorosa.

comentar, já que mencionamos vida amorosa, a indústria farmacêutica...

- Na segurança pública, as câmeras de vigilância, tecnologias biométricas, controle de acesso, dentre outros novos artefatos nos dão a falsa sensação de que nos encontramos mais seguros. Muitas escolas têm investido em câmeras pelas quais os pais monitoram as atividades de crianças e professores, sem que os efeitos pedagógicos, certamente nefastos, sejam levados em consideração.

Bom, acho que vale aqui – num procedimento não muito barthesiano, é verdade – contar um mito: o de Dédalo.

Dédalo é uma figura incrível da mitologia. Eu adoro ele. Dédalo simboliza a tecnologia, o artifício, a

JUVENTUDE, AS ASPIRAÇÕES E SONHOS. OU É SÓ MEDO DO MUNDO ADULTO?

| NOVEMBRO 2013 | *Discussion Paper* |

engenhosidade. Eu adoro esse negócio de geringonça, e ele é o mestre das gerinças. Bem, Dédalo tinha uma vida tumultuada em Atenas, de onde foi expulso ao matar o sobrinho por inveja. Foi parar em Creta, onde se meteu em ainda outras encrencas. Pra começar, ajudou a esposa do rei, chamada Pasífae, a consumir uma paixão avassaladora por um touro branco, animal que deveria ter sido sacrificado para Poseidon, deus dos mares. Como o touro foi simplesmente arrebanhado pelo rei Minos, a vingança divina foi essa atração um pouco estranha. Dédalo construiu uma vaca de madeira para Pasífae, e essa vaca era tão perfeita que o touro não desconfiou de nada e... chegou

junto. O fruto dessa paixão é o Minotauro, criatura bestial que se alimentava de carne humana e que teve de ser aprisionado no palácio de Cnossos. Ficou sob incumbência de Dédalo a construção de um labirinto tão intrincado que quase ninguém que entra consegue encontrar a saída. Esse é o labirinto onde o Minotauro deve ser mantido e alimentado com o sacrifício de 7 rapazes e 7 moças atenienses, povo vencido em guerra por Minos. Mas lá em Atenas, um tal de Teseu resolve por um basta nessa situação. Aceita compor o grupo dos próximos 14 jovens, com o propósito de assassinar o Minotauro e acabar com a sina de seus co-cidadãos. Lá, tem a sorte de fisgar o coração de Ariadne, que para ajudar Teseu recorre a quem? Claro, a Dédalo. Ele dá a Ariadne um novelo de linha, cuja ponta ela segura enquanto Teseu percorre o labirinto em busca da besta. Sem perder “o fio da meada”, Teseu encontra o Minotauro, mata-o e foge com Ariadne, pra depois abandoná-la... Como vocês podem imaginar, Minos não está nada feliz com Dédalo, e condena-o a ficar preso em seu próprio labirinto. De lá, só consegue sair voando, com asas moldadas em cera e penas. É assim que ele perde seu filho Ícaro. Mas isso já é uma outra história...

O gancho que eu queria pegar era esse, do construtor preso em sua própria obra, homem que constrói sua própria armadilha. Não seria um pouco essa nossa sensação diante da tecnologia? Ela nos envolve de uma forma que vamos gradativamente perdendo

“relacionamentos iniciados na internet são mais estáveis e felizes do que os que começaram off-line”

controle. Às vezes, ela cria tantos problemas quanto resolve. Eu acho incrível a naturalidade, por exemplo, com que nós lidamos com spams e vírus. De repente, é um problema que faz parte da vida informatizada. Mas é quase como uma geada, uma chuva de verão – é obra da natureza. Até porque é triste pensar que por trás de cada e-mail me vendendo viagra ou me pedindo para “ver essas fotos que vão me deixar chocado”, tem uma pessoa pensando – ou não pensando, mas agindo. É ação tristemente humana.

E essa frase que eu odeio: “O sistema não permite”? A pessoa concorda comigo que a solução é mais sensata, mas o sócio implacável, o tal “sistema”... ah, o sistema é bruto! Ele é incontornável. Mas um detalhe: ele é nossa obra. É uma espécie de pesadelo kafkiano, com o drama adicional dessa consciência muito clara de sermos nós próprios os arquitetos do labirinto. Enfim, acho que a tecnologia tem tornado a nossa civilização tão complicada que, como dizia Raulzito: “ela ficou tão frágil quanto um computador / que se uma criança descobrir o calcanhar de Aquiles / com um só palito para o motor”!

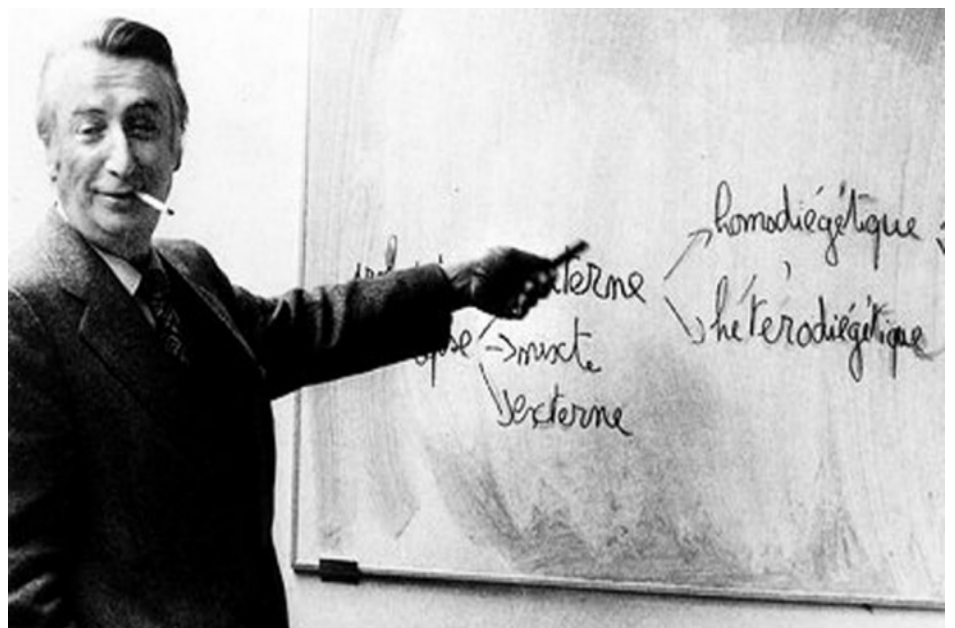


JUVENTUDE, AS ASPIRAÇÕES E SONHOS. OU É SÓ MEDO DO MUNDO ADULTO?

| NOVEMBRO 2013 | *Discussion Paper* |

Bem, o mote que o Trevisan me lançou para falar aqui foi Medos e Mitos... Comecei por um mito, quero agora fechar brevemente com um medo. Medo que não é novo, não é de agora. É um medo ancestral, mas que se encontra vivíssimo em nós. A imagem mítica do labirinto – nas definições de um pensador importante do imaginário, que é o Gilbert Durand – não é propriamente arquetípica. Ela é mais simbólica, dada sua polissemia. Um labirinto pode significar muitas coisas; eu comecei aqui falando desse desafio externo, mesmo que criado por nós mesmos, algo de fora que nos aprisiona. Mas também podemos ler o labirinto, como muitos intérpretes do mito de Dédalo o fizeram, como um labirinto interno, nossa essência, nossa psique. Assisti outro dia a uma entrevista que o Vinicius de Moraes deu para o seu amigo Otto Lara Resende, em que a primeira pergunta foi: “Vinicius por Vinicius: quem é você?”. A resposta foi, claro, genial: “Ainda não sei muito bem. Eu sou um labirinto em busca de uma porta de saída”. Não há quem não compartilhe esse medo de se perder em si, de não se descobrir. Isso fica muito claro nas angústias dos jovens em relação ao mundo do trabalho, suas concepções de carreiras, suas vontades de participação política. E, quando não é paralisante, esse desconforto é ótimo, porque nos coloca em movimento, nos põe em busca de uma saída do labirinto. Pensando mais existencialmente, é nessa busca, nessa andança – mesmo sem saber muito para onde a gente vai –, que a gente faz aquilo que nós somos. Tem uma música

da Violeta Parra em que ela diz assim: “Me gustan los estudiantes / por que son la levadura / del pan que sairá del horno / con todo su sabrosura”. E é isso, o fermento faz crescer mesmo dessa forma meio errática, sem saber muito para onde. E os jovens são o fermento da sociedade. De toda maneira, acredito hoje que, se não conseguimos abandonar em definitivo nosso labirinto interno, algumas escapadas são necessárias. E o caminho não me parece ser por terra. Talvez, tenhamos de seguir o exemplo de Dédalo, buscando uma saída pelo voo, pela leveza construtiva de um devaneio. Ou seja, cabe a nosso tempo histórico, num mundo tão cheio de concreto, reconquistar a legitimidade da imaginação, o nosso direito de sonhar.



JUVENTUDE, AS ASPIRAÇÕES E SONHOS. OU É SÓ MEDO DO MUNDO ADULTO?

| NOVEMBRO 2013 | *Discussion Paper* |

Juventudes brasileiras: é preciso escutá-las

Rose de Melo Rocha

Considero a juventude como mito fundador da modernidade, e um ícone fundamental do triunfo da sociedade burguesa, fundada na aceleração e na representação. A burguesia, em suas diversas e complexas formações, se construiu ao redor da representação. Representação que quer dizer vida pública, que quer dizer aparência, que quer dizer consumo, que quer dizer moda, que quer dizer mulheres saindo das comportas do mundo doméstico, que quer dizer democracia representativa e uma série de outros vetores. Alguns desses elementos estão sendo hoje questionados por diversos segmentos juvenis, embora sem outros tantos não existisse manifestações políticas atinentes à democracia moderna.

A juventude – dos black blocs àquela dos nossos alunos da ESPM – nos informa sobre uma geração que está muito fortemente questionando os espaços de representação construídos pela experiência da modernidade. Não por acaso, nós, professores e universidades, podemos ser colocados na berlinda, confrontados por uma geração de iconoclastas. Essa questão do iconoclasmo, nas últimas manifestações juvenis de julho deste ano de 2013, ficou muito clara. Foram quebrados e questionados ao extremo alguns ícones das sociedades ocidentais (a mídia, a política partidária),

embora outros, como a tecnologia e a comunicação digital, sejam cada vez mais cultuados.

Se pudéssemos transferir a afirmação que inicia este artigo para os atuais tempos pós-modernos, diria que a tecnologia é o mito fundador da chamada pós-modernidade. A tecnologia é um ícone fundamental do triunfo da sociedade pós-industrial. Se a emergente sociedade burguesa, industrial, em vias de metropolização, estava fundada na aceleração, na ultrapassagem das fronteiras de espaço e de tempo, e nas políticas de representação, a sociedade pós-industrial está fundada no triunfo da tecnologia e do entretenimento e, ambos, não necessariamente estão excluídos das formas do ativismo juvenil nos dias de hoje.

Retomo, agora, um pressuposto caro aos juvenólogos e juvenólogas contemporâneos: não é possível falar em “o jovem”, “a juventude”. Existem alguns jovens e algumas juventudes, que possuem particularidades muito claras por recortes de classe, de geração, de contexto social, referentes ao país em que vivem, aos repertórios e hábitos culturais

etc. Mas, o que é importante, também possuem semelhanças que atravessam as diferenças, como o consumo da tecnologia e o fato de, cada vez mais, se tornarem sujeitos ou protagonistas de seus próprios discursos. São receptores ativos e também produtores de comunicação em larga escala.

A juventude (...) nos informa sobre uma geração que está muito fortemente questionando os espaços de representação construídos pela experiência da modernidade

Há alguns anos atrás o pesquisador espanhol, radicado na Colômbia, Jesus Martín-Barbero, disse algo como: hoje em dia a comunicação é o lugar estratégico a partir do qual a gente pode entender a nossa sociedade, refletir sobre os nossos comportamentos. Essa afirmação de Martín-Barbero, ela é atualizada, confirmada, reafirmada



JUVENTUDE, AS ASPIRAÇÕES E SONHOS. OU É SÓ MEDO DO MUNDO ADULTO?

| NOVEMBRO 2013 | *Discussion Paper* |

por nossas juventudes, de modo geral. Elas comprovam a centralidade da comunicação e da tecnologia nas suas vidas, no seu modo de interação e sociabilidade. E isso, às vezes, é um dado difícil de resolver no contexto educacional, em sala de aula, por exemplo. Trata-se de uma grande interrogação.

Além da centralidade da comunicação, também nos apresentam, de um modo efetivo, o preço que pagamos por nossa herança moderna, como nas ocasiões em que nos confrontam com situações de incomunicabilidade. Algumas dessas juventudes são filhos e filhas da urgência e reféns do excesso de informação, estão soterrados, impossibilitados da escuta mútua. Vivem no que o psicanalista Ivan Izquierdo chama “uma sociedade de gritadores.”. Foram convencidos, educados a pensar que só se vence no grito,

pensando que se você não falar alto, ninguém te escuta. É óbvio, nossa sociedade é de alta ruídosidade.

Vivi situações em sala de aula, nos cursos de graduação em Comunicação, nas quais tinha de gritar tanto que fiquei sem voz. É um nó, precisamos incessantemente nos dedicarmos a romper as fronteiras geracionais pra criar linguagens de diálogo. É difícil, porque eu não sou jovem e ele não é maduro, não é um adulto, mas a gente tem de poder encontrar a possibilidade de diálogo. Temos de falar a linguagem do jovem? Temos de trazer a tecnologia de modo criativo e produtivo para a sala de aula? Creio que não se trata exatamente disso, mas é poder incorporar sim alguns desses repertórios, poderem escutar, como a gente dizia, o que eles nos dizem, precisamos escutar o que eles nos dizem. Podemos e

devemos incorporar essa questão de entretenimento, temos aqui figuras incríveis nessa escola que dominam o repertório do entretenimento, da tecnologia. Trazer isso de alguns modo pro nosso universo, talvez seja possível construir alguns canais de diálogos, de linguagem em comum.

A partir da estratégia da comunicação, podem-se localizar interações possíveis. Nós, educadores, convivemos com uma inevitável e não necessariamente indesejável ampliação dos lugares pedagógicos, pedagogias maravilhosas e destruidoras. A violência infelizmente é uma pedagogia, que de algum modo oferece linguagens de identificação para determinados jovens. Mas, vejam, o entretenimento também é um lugar de educação. João Matta, professor desta casa, defende em sua tese de doutorado, da qual



JUVENTUDE, AS ASPIRAÇÕES E SONHOS. OU É SÓ MEDO DO MUNDO ADULTO?

| NOVEMBRO 2013 | *Discussion Paper* |

tive oportunidade de compor a banca, constata uma coisa muito tocante. Trabalhando com os jovens de classe média de Bebedouro, interior de São Paulo, ele chega a uma definição sobre esses jovens, ele diz “são jovens de agenda lotada”. Ou seja, eles vivem uma temporalidade opressiva. De fato, infelizmente, nem sempre a educação é um lugar de encontro.

*Nós, educadores,
convivemos com uma
inevitável e não
necessariamente
indesejável ampliação
dos lugares
pedagógicos,
pedagogias
maravilhosas e
destruidoras*

.....

Por outro lado é possível encontrar lugares de desaceleração e de outro tipo de escuta. Porque eu diria que dos jovens com os quais eu trabalho, que são centenas de jovens muito especiais, particulares, não são melhores, mas são jovens ativistas extremamente sonhadores, extremamente engajados, extremamente críticos e extremamente iconoclastas e bastante desejantes. Gostaria de trazer para esse debate a afirmação de uma dessas meninas, jovem ativista mexicana, liderança do movimento “Somos 132”, defende que os jovens, de fato, poderão construir o que ela

chamava utopias práticas, presentes e possíveis. Isto se aprenderem a escutar os que não são jovens, se aprenderem com o que já foi feito, quer dizer, ela traz a perspectiva de uma não ruptura com o nosso passado, portanto uma não ruptura conosco e com os idosos e assim por diante, com as crianças também, e a possibilidade de se construir o que ela chamava essa “utopia presente, prática e possível”, construída como projeto coletivo, intergeracional.

Os e as jovens com os quais tenho tido o privilégio de conviver na ESPM também estão construindo seus coletivos, suas comunidades utópicas. São também extremamente profissionais, extremamente sonhadores, extremamente desejantes, com vontade e disposição para construir espaços de encontro e reencontro.